

Construir, Habitar, Pensar: Uma Proposta de (re)Leitura
BUILD, INHABIT, THINK: A PROPOSAL FOR (RE) READING
*João Bosco de Camargo Millen**

RESUMO

Analisaremos o texto “Construir, habitar, pensar”, de Martin Heidegger, em possibilidades distintas. Em primeira instância, refletiremos sobre o texto do filósofo para além de suas próprias fronteiras, buscando (re)pensar o significado de “construir” e “habitar”, fenômenos que se afastam da compreensão usual do nosso dia a dia e revelam a essência do nosso existir. Em seguida, traremos à baila o que esses signos evocam, tratando-se da existência do homem e de sua inserção social, e as suas possíveis implicações com a psicologia. Correlacionaremos, ainda, as referências filosóficas de Heidegger com as possibilidades bilaterais existentes nas relações entre a vida do homem e os espaços habitados por eles, já que, consoante o filósofo, todo o construir já é, em si mesmo, habitar. Analisamos esses conceitos, que, por derradeiro, serão aplicados às exemplificações, uma vez que nos interessa evidenciar como tais relações se manifestam nas condições de loucura e exclusão.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura, Imagem, Loucura, Habitação, Exclusão

ABSTRACT

We will analyze Martin Heidegger’s text “Build, inhabit, think” in different possibilities. In the first instance we will reflect on the philosopher’s text beyond its own borders, seeking to (re) think the meaning of “building” and “inhabit”, phenomena that deviate from the usual understanding of our everyday life and reveal the essence of our existence. Then we will show what these signs evoke in regards to the existence of man and his social insertion, and its possible implications with psychology. We will also correlate Heidegger’s philosophical references with the bilateral possibilities existing in the relations between the life of man and the spaces inhabited by them, since, according to the philosopher, all construction is already, itself, to inhabit. We analyze these concepts, which, lastly, will be applied to the exemplifications, since we are interested to show how such relations manifest themselves in the conditions of madness and exclusion.

KEYWORDS: Architecture, Image, Madness, Housing, Exclusion

* Pós-doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, São Paulo, São Paulo, Brasil; jbosco-millen@hotmail.com

Introdução

A escolha por Martin Heidegger deve-se ao fato de primariamente elucidarmos a forma como se dá a relação do homem com a construção arquitetônica que, de longe, foge da ideia banal que muitas vezes cultivamos. Tais conceitos, por diversas vezes, são simplesmente ignorados, mas são, indubitavelmente, demasiado importantes na vida e na constituição do homem em sociedade.

O que quer dizer pensar é algo que se nos revela se nós mesmos pensamos. Para que tal tentame seja bem sucedido é preciso que nos disponhamos a aprender a pensar. Tão logo nos entregamos a este aprendizado, admitimos que ainda não estejamos na capacidade de pensar. O homem é, no entanto como o ente que pode pensar (HEIDEGGER, 2001, p. 111).

A sutileza com que Heidegger apresenta os conceitos filosóficos no texto “Construir, habitar, pensar” faz-nos perceber que as aparentes proximidades semânticas desses conceitos associam-se intrinsecamente. Conseqüentemente, essa proximidade pode levar-nos a compreender definições distintas de forma amalgamada o que resultaria em um equívoco. O pertencimento aparente desenvolvido pela natureza dos signos descritos em nossa análise construir, habitar e pensar, por estarem, muitas vezes, associados, faz-nos compreender a (in)distinção principalmente na natureza e na etimologia de “construir” e “habitar”.

Todavia, a validade da compreensão dissociada das questões descritas por Heidegger conduz-nos a perceber não somente como esses conceitos podem, paradoxalmente, associar-se, mas, sobretudo, dissociar-se,

de modo a possibilitar ao leitor rever o conteúdo e o alojamento filosófico individual contido em cada uma dessas palavras.

O pensamento, quando dissociado das demais questões relativas à habitação e à construção, está para além do significado frugal contido neste trabalho. Ora, não caberia descrever, em um artigo sucinto, a função isolada da palavra “pensar”, mas, especificamente associada à questão da construção e da habitação, é produtora de rever o que a palavra “pensar” representa. Nesse contexto, percebemos que ela funciona como um importante elemento de ligação revitalizador dos conceitos revistos por Heidegger.

Também tratamos aqui do pensar, o que possibilita ao homem escolher ser no mundo e estar no mundo. Entre “construir” e “habitar” existe um ser pensante, a quem a construção e a habitação se destinam, sendo capaz, outrossim, de ocupar o lugar de sua escolha. A análise dessas possibilidades reafirma questões que não pertencem meramente ao que é corriqueiro e vulgar.

O homem pensa e escolhe habitar nas mais diversificadas formas de construções existentes no planeta. Habitar é algo que se torna subjetivo porque está depois das palavras “construção” e “pensamento”. Entre o signo aparentemente inanimado, ou próximo disso, o que a palavra construção significa, permeia algo animado e subjetivo, que é o pensamento e a escolha do homem, resultando em um verbo, uma ação, o “habitar”.

Nesse sentido, “habitar” é uma ação, uma atitude repleta de escolhas, é o deslocamento do que foi um dia uma construção. Habitar requer

necessariamente a presença da vida e da escolha de uma determinada edificação. São basicamente essas descobertas filosóficas de Heidegger que darão um sentido especial a essas condições humanas e que distinguirão as condições da permanência do homem no mundo. Para além da palavra “habitação”, está explícita a palavra “ocupação”, enquanto “construção” é uma atividade individual que não se destina necessariamente a quem constrói. Isso que nos faz concluir que, na habitação, existe um duplo peso, o peso de uma construção ocupada pelo homem, por um ser-homem.

1 Construir e habitar: a constituição do ser-homem

Preliminarmente a nos atermos à temática pretendida, devemos compreender, separadamente, mas não unilateralmente, o que significam os conceitos de “habitar” e “construir” no contexto tratado por Heidegger. Habitar é, segundo o filósofo, “o traço fundamental do ser-homem”, ou seja, é o “modo como os mortais são e estão sobre a terra” (HEIDEGGER, 2001, p. 128). Nesse sentido, podemos entender que “habitar” engloba uma estreita relação entre o homem e o espaço em que se insere; relação essa que também o constitui como ser e homem, portanto, ser-homem.

Tendo isso em vista, o significado do conceito de “habitar” está para além do sentido denotativo do termo, que é: “1. Ter a sua residência em; 2. Prover de população ou de residentes; 3. Estar presente em” (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa). Em outras palavras, “habitar” não significa tão somente possuir um alojamento, uma residência; porém,

está intrinsecamente relacionado ao sentimento de abrigo, de proteção do homem no que diz respeito a seu espaço e a sua residência.

Portanto, tratamos aqui de uma relação absolutamente subjetiva. Quer dizer, quando o homem tem em si a ideia de um lugar em que habita, evoca, na verdade, uma relação íntima com os limites daquele espaço que tomou para si como parte integrante de quem ele efetivamente é; espaço esse que também o constitui como ser-homem.

Já no que concerne ao conceito de “construir”, Heidegger utiliza-se do construir arquitetônico para oferecer ao leitor um modelo mais concreto, não significando, porém, um viés objetivo. Ao contrário, o modelo concreto é meramente ilustrativo para que posteriormente consigamos tratar do assunto de forma mais subjetiva. Dessa forma, Heidegger busca aproximar o leitor desse modelo concreto para que consiga transpor o pensar de forma subjetiva, de forma a entender mais profundamente os conceitos de “construir” e “habitar”. Por conseguinte, o modelo de construção utilizado pelo filósofo não exclui a trajetória da subjetividade do homem no âmbito filosófico.

Adicionalmente, com o objetivo de designar esse percurso nas diversas possibilidades de ocupação da existência humana, Heidegger compreende, de forma metafórica, os processos arquitetônicos, isto é, apresenta as diferentes maneiras de o homem alojar-se em sua existência e em suas relações subjetivas de ser no mundo.

Embora, nesse primeiro momento, tenhamos tratado os conceitos de “habitar” e “construir” de certa forma isoladamente, esse não é o obje-

tivo deste trabalho. Ao contrário, pretendemos articular ambos os conceitos, uma vez que o texto de Heidegger lida com esses signos em termos de compreensão do construir em relação ao habitar, isto é, o construir-habitar. Nisso reside a inovação proposta pelo filósofo: a transformação da “estrutura dessa relação de dois termos exteriores, um ao outro, em uma relação interna de equivalência (contudo não “de identidade”)” (DILNOT, 2009, p. 205).

Nesse sentido, pensando no conceito evocado pelo signo linguístico, ou seja, a palavra “construir” (bauen), Heidegger percebe que: (i) construir não é propriamente habitar; (ii) habitar consiste na forma como os homens são e estão no mundo; (iii) na semântica de habitar, construir desdobra-se em duas acepções – construir como cultivo e crescimento e como edificação das construções.

Por conseguinte, tendo em vista que todo construir tem como meta o habitar, não podemos dizer que toda construção se trata de uma habitação. Podemos comprovar essas afirmações com o seguinte trecho:

Uma ponte, um hangar, um estágio, uma usina elétrica são construções e não habitações; a estação ferroviária, a autoestrada, a represa, o mercado são construções e não habitações. Essas várias construções estão, porém, no âmbito de nosso habitar, um âmbito que ultrapassa essas construções sem limitar-se a uma habitação. Na autoestrada, o motorista de caminhão está em casa, embora ali não seja a sua residência; na tecelagem, a tecelã está em casa, mesmo não sendo ali a sua habitação. Na usina elétrica, o engenheiro está em casa, mesmo não sendo ali a sua habitação. Nelas, o homem de certo modo habita e não habita, se por habitar entende-se simplesmente possuir uma residência (HEIDEGGER, 2001, p. 125-126).

Como podemos constatar, determinados lugares, como, por exemplo, lojas, terminais ferroviários ou represas, conforme exemplificado por Heidegger, são construções. Contudo, não se tratam de habitações, não obstante todas elas estarem no âmbito de nosso habitar, ou seja, fazem parte da relação que estabelecemos com o espaço em que estamos inseridos.

Por conseguinte, a dualidade da vida do homem é marcada, territorialmente, pela flexibilidade, à medida que, em seu deslocamento na trajetória da vida está, de forma permanente, habitando diversas categorias de alojamento. Então, a amplitude do termo “habitar” é proporcional à trajetória de vida. Como exemplo disso, podemos mencionar o signo “casa”, para a qual o homem sempre retorna. No entanto, muitos outros veículos e artefatos encapsulam e protegem o deslocamento do homem em suas variadas necessidades. Vejamos o seguinte trecho que ilustra essas ideias:

Mas será que as habitações trazem nelas mesmas a garantia de que aí acontece um habitar? (...) Habitar seria, em todo caso, o fim que se impõe a todo construir. Habitar e construir encontram-se, assim, numa relação de meios e fins. (HEIDEGGER, 2001, p. 126).

A partir desse questionamento heideggeriano, podemos responder negativamente à questão levantada: os conceitos de “construir” e “habitar” diferem-se, uma vez que “construir” não necessariamente se constitui a partir de um espaço geográfico ou de um lugar em que o homem desenvolva a ação de habitar, embora “construir” tenha por finalidade “habitar”, conforme já dissemos anteriormente.

Portanto, o conceito de “habitar” é muito mais subjetivo, enquanto o de “construir” é mais concreto. Em outras palavras, este diz respeito

a um projeto arquitetônico, por exemplo, ao passo que aquele se refere à relação estabelecida entre o ser e o espaço em que está inserido. Imperioso destacar, outrossim, que esse espaço confere ao homem uma identidade, um abrigo no que diz respeito a quem ele é, bem como ao status e ao lugar que ele ocupa no mundo.

Segundo Heidegger, habitamos o mundo como ser, pois fazemos desse lugar um espaço em que nos agarramos intimamente e nos constituímos em nossa subjetividade, como seres pensantes e agentes. A relação que mantemos com nosso planeta é a relação de “habitar”, já que, quando habitamos determinado lugar, circularmente cuidamos e zelamos por esse lugar que está sendo habitado. Quando habitamos uma casa, por exemplo, a construção projeta para o homem uma ideia de alojamento e de proteção, ao mesmo tempo em que o homem devolve essa condição ao espaço, zelando por ele. Conseqüentemente, possuir uma habitação é tranquilizador e satisfatório ao homem.

Para entendermos melhor esses conceitos, faz-se *mister* estabelecer alguns exemplos. Imaginemos transeuntes e a construção de uma ponte ou de uma rodovia. A construção desses artefatos de forma alguma tem por finalidade fazer com que os transeuntes habitem neles, tampouco que seus construtores lá habitem, uma vez que tais construções não carregam o conceito de enraizamento e não trazem consigo uma carga de consciência do ser que define o que os transeuntes e os construtores são, o que ele fazem ou como se definem como seres humanos. Conseqüentemente, não há uma relação estreita entre a rodovia e a ponte e entre o que os transeuntes e os construtores são como pessoas.

Devemos observar, no entanto, que tanto a ponte quanto a rodovia são meios pelos quais os transeuntes chegam às construções que habitam, como, por exemplo, sua empresa ou sua casa, lugares esses em que há uma relação mais íntima entre o homem e o espaço em que está inserido e se constitui como algo no mundo. Nesse sentido, concretiza-se a seguinte afirmação: “Habitar e construir encontram-se, assim, numa relação de meios e fins” (HEIDEGGER, 2001, p. 126). Nesse sentido, tratamos de uma complexa relação: podemos construir para fins de habitar ou construir para que disponhamos de meios para habitar. Como exemplo, podemos citar, como já retromencionado, um mercado, que não é uma habitação, mas está no âmbito de nosso habitar.

Portanto, quando afirmamos que construir já é em si habitar, queremos dizer que toda construção objetiva a habitação, ainda que essa habitação não se destine, em última instância, a quem a constrói, como, por exemplo, a construção de um prédio residencial. A finalidade dessa construção diz respeito à possibilidade de várias famílias tomarem para si aqueles apartamentos como lar, a fim de que ali habitem, o que não significa que quem projetou a construção vá ali habitar.

Outra perspectiva para analisamos e exemplificarmos esses conceitos diz respeito à relação humana com a religiosidade e sua crença em divindades, o que se trata da mesma relação supramencionada, isto é, a relação entre o homem e sua casa. O homem que habita o mundo é um ser angustiado por ser um eterno imigrante; dessa forma, busca manter uma boa relação com o lugar em que habita, cultivando, cuidando na esperança

de alcançar uma recompensa vinda do universo, que é mascarado, tratado ou interpretado como uma divindade. Por conseguinte, quando nos tornamos conscientes de que habitamos o mundo, esse local inóspito, salvar o lugar em que habitamos é essencial para que nos sintamos, ainda que minimamente, abrigados e seguros de alguma forma.

Construir e habitar são ideias que, aparentemente, podem ser desenvolvidas separadamente, mas ao nos aprofundar em seus conceitos, vemos que estão intrinsecamente relacionadas, de modo que uma constrói e desenvolve o conceito da outra. Logo, o que depreendemos do artigo de Heidegger é que o conceito de construção é objetivo e concreto, mas o da habitação é subjetivo e abstrato, além de não poder ser considerado inanimado, uma vez que é a própria alma do homem que ali habita (a alma que está relacionada a quem ele efetivamente é) e constrói no espaço em que habita toda a sua própria identidade.

Dentre os aspectos próximos da psicologia, que estão em consonância com os conceitos heideggerianos apresentados acima, está a intrínseca relação entre o pensamento, a arquitetura e a existência humana. O universo plural de referências psicofilosóficas que se propõe a tratar deste tema desdobram-se da teoria psicanalítica proposta por Sigmund Freud a instrumentos de avaliação de personalidade. Para que não nos percamos no objetivo das referências perseguidas, pretendemos encontrá-las não só no campo da filosofia, mas também na psicologia e na medicina, à medida que a problemática abordada por nós tange estes respectivos campos do saber.

Grosso modo, nesta etapa de investigação, já compreendemos que há moradores de egos inferiorizados destinados a ocuparem as ruas ou as precariedades de moradias. Nessa perspectiva, entendemos como precários os sanatórios, os lares, os abrigos e os hospitais destinados à população excluída, pois os modelos habitacionais disponíveis são proporcionais ao pertencimento egóico e social de cada indivíduo.

Os egos diminutos daqueles que se encontram socialmente ao lento ocupam as réstias, a miséria, a exclusão, os galpões, os aglomerados, os viadutos, as pontes, as praças e as áreas desabitadas dos espaços construídos nas cidades. Na esteira da arquitetura dos sanatórios, perpassando pelos campos de concentração, obviamente há nos signos arquitetônicos a marca da relação odiosa existente entre as estruturas do poder capitalista contra um contingente de pessoas que não dialogam com o sistema capital. A demarcação da exclusão nos centros urbanos é sempre definida pela intolerância; porém, o grau de marginalidade destinado às deformidades sociais é determinado pela variação da visibilidade que cada categoria marginal ocupa dentro de diferentes realidades sociais.

Dessa forma, por meio de imagens, podemos pontuar as similaridades entre os manicômios, a exemplo, o Hospital de Barbacena, e outros espaços de exclusão, tais como os campos de concentração de Auschwitz, usados para eliminar aqueles que foram considerados inaptos a comungar de seus ideais. Espaços esses que serviam unicamente para a segregação, exclusão e descarte dos indesejados.

A exemplo dos drogados, das prostitutas, dos loucos, dos mendigos e de outros seres infortunados socialmente, o que nos mostra a história pós-industrial ocidental é que não há, evidentemente nos espaços urbanos, áreas destinadas para o convívio de um contingente marginal. Estes seres viverão, na melhor das hipóteses, no que Heidegger determinou de “construção”, que não são espaços destinados à moradia e são, portanto, provisórios e impróprios para a habitação definitiva. Os mecanismos de exclusão justificam-se por meio de questões psicopatológicas. Todavia, o descaso com que nos acostumamos a enxergar está impregnado na formação das nossas personalidades. Há também na psicologia elementos concernentes entre os signos da arquitetura, da casa, e da existência dos homens.

O método H.T.P (house, tree, person) por exemplo, projetado em 1948 pelo psicólogo e pesquisador inglês John N. Buck¹ (1906-1983), é uma metodologia que estabelece proximidade entre os sintomas do signo humano e os da casa. A propósito, o teste designa que, por meio do desenho da casa e do homem, podemos encontrar correlações diretas entre as linhas desenhadas, associadas ao grau de contato que o indivíduo estabelece com a realidade. Há também relações percebidas nas figuras que evidenciam a proporção das mesmas com o teto da casa, pois neste sentido, esta seria a parte que estaria ligada à vida mental e à inteligência do indivíduo. As paredes significam a força do ego e da personalidade e diz respeito à própria organização estrutural do indivíduo. Buck expõe que, se as janelas estiverem fechadas, há a indicação de que o sujeito se defende excessivamente; a porta fechada significa autodefesa e possíveis fantasias persecutórias. A porta aberta, por outro lado, significa uma excessiva necessidade de receber afeto. Dentro desta associação entre arquitetura e sintoma proposta pela psicologia, encontramos elementos próximos ao pensamento de outros autores que relacionam a figura simbólica da casa ao ego, por exemplo, Sigmund Freud, em, “construções em análise”.

Sob outra perspectiva, diferenciada da compreensão Heideggeriana, há também a possibilidade de pensar-se a estética discursiva na sociedade de “capitalismo avançado” como possibilidade de autoexclusão daqueles que se submetem a atender aos apelos ou, porque não dizer, às manobras de interesse do establishment, e acabem produzindo um torpe

¹ John N. Buck projetou o teste HTP e foi um dos primeiros psicólogos clínicos a ganhar reconhecimento nacional devido as suas contribuições aos estudos de sua área.

diálogo. Em consonância a este pensamento, está o do filósofo francês Jacques Poulain² em “*L’autisme neoliberal ou L’esprit capitaliste avance*”, cuja reflexão debruça-se sob o pensamento nas possibilidades de patologias discursivas decorrentes de fragmentações facilmente perceptíveis. A essas modalidades haveria um estado denominado por ele de autismo que seria, a seu ver, produzido pelas contingências estabelecidas pelo sistema capitalista. Dessa forma, Poulain defende não só a teoria de que há perdas cognitivas para as pessoas que estão à margem do que está estabelecido socialmente, assim como há também prejuízos para os que dialogam com os dominantes na linguagem dos discursos capitalistas.

Essa universalização parece válida tanto na vida social quanto na vida psíquica, porque essa experimentação nos fez descobrir que a própria vida mental não é apenas um processo de autoexperimentação comunicacional, não é um diálogo consigo mesmo que não visa encontrar o seu interlocutor. A autorregulação pela vida sensível, afetiva, cognitiva, prática e consumativa do indivíduo deve estar em harmonia com o diálogo que esse indivíduo leva com seus parceiros sociais. (POULAIN, 2017)

Nesse sentido, o manicômio é uma construção destinada a segregar pessoas emudecidas e, na clausura de suas paredes, aglutinar indivíduos encarcerados que não dialogam com os modelos sociais destinados a obtenção de capital. A exclusão pode ser observada por meio do descaso aos quais muitos enfermos encontram-se submetidos. Existe uma relação intrínseca entre a arquitetura e o homem como ser subjetivo dotado de vontade própria. Tais construções não são meramente paredes levantadas

2 Jacques Poulain é Professor Emérito e titular da Cátedra UNESCO em Filosofia da Cultura e Instituições na Universidade Paris VIII , Ph.D. em Filosofia na Universida de Paris-Ouest Nanterre La Défense (1969).

em lugares despropositados e sem finalidade. Os projetos são adaptados na sociedade capitalista com propósitos de serem partes essenciais do que a constitui. Podemos (re)dizer, de forma análoga e metafórica o que nos disse Aldous Huxley ao descrever a incubadora de seres alfa, beta e gama: tais edificações são como cestos em uma lavanderia. Cada cesto comporta um tipo diferente de roupa: há os cestos para comportar as roupas brancas, outros para comportar as roupas coloridas e, ainda, os cestos destinados a comportar as roupas sujas, essas que são asquerosas, fétidas e manchadas, que não são aptas a serem usadas e, em última instância, após uma boa lavagem sem sucesso, são descartadas.

Como os óvulos fecundados voltavam para as incubadoras; onde eram conservados os Alfas e os Betas até seu acondicionamento definitivo em bocais, enquanto os Gamas, os Deltas e os Ípsilons eram retirados ao fim de apenas trinta e seis horas para serem submetidos ao processo Bokanovsky(...)Um ovo, um embrião, um adulto — é o normal. Mas um ovo Bokanovskizado tem a propriedade de germinar, proliferar, dividir-se de oito a noventa e seis germes, e cada um desses se tornará um embrião perfeitamente formado, e cada embrião um adulto completo (...) Ouvia-se um leve rumor de máquina. Um pequeno número morria; outros, os menos suscetíveis, dividiam-se em dois. (...) Em dois, em quatro, em oito, os brotos dividiam-se por sua vez; depois tendo germinado, eram submetidos a uma dose quase mortal de álcool; em consequência proliferavam de novo, e, tendo germinado, ficavam então a desenvolver-se em paz, brotos de brotos de brotos (...). (HUXLEY, 2011 p. 36-37)

Muitas foram às vezes que se manifestaram contra as baixarias que se apresentariam nas sociedades pós-industriais por conta do favorecimento financeiro em detrimento da qualidade de vida do homem. Por meio do Zaratustra, Nietzsche metaforicamente se perguntou quais seriam

as características dos homens que ocupariam as casas de tetos tão baixos nas cidades modernas?

E, certa feita, viu uma série de casas novas; admirado, disse , então! “Que significam essas casas?” Na verdade, nenhuma grande alma pôs ali a sua própria imagem! Alguma estúpida criança as haverá tirado de sua caixa de brinquedos? Oxalá outra criança volte a guardá-las na sua! E essas saletas e esses quartos: poderão, ali, entrar varões e dali saírem? Dão-me a impressão de que foram feitos para bonecas de seda ou para criaturinhas gulosas, que também, com prazer se deixam apeteecer. E Zaratustra parou, refletindo. Por fim, disse tristonho: “Tudo tornou-se menor!” Em toda parte, vejo portas mais baixas: quem for da minha espécie ainda poderá passar por elas, mas – terá de abaixar-se! Oh, quando poderei voltar à minha terra sem mais precisar abaixar-me - abaixar-me diante dos pequenos! – E Zaratustra suspirou, olhando ao longe. - Mas nesse dia, proferiu o seu discurso sobre a virtude amesquinhadora. (NIETZSCHE, 2010, p. 203)

O século XIX, por sinal, é caracterizado pela profusão de críticas acirradas aos novos valores que seriam estabelecidos, pois para se desvendar a intenção e a nocividade da sociedade capitalista haveria de se considerar o que os homens intencionavam ao projetar espaços arquitetônicos destinados à exclusão de seres humanos. Especificamente com relação à perseguição a figura do louco, a que se deve tal fato? Qual a alegoria que esse signo da loucura remete aos valores sociais modernos? Porque os homens tidos como loucos deveriam carregar as marcas da exclusão?

Ao se considerar os loucos como aqueles que não se enquadram nos padrões estéticos e de comportamentos e por também serem os que contrariam o sistema vigente por não o compreenderem, por isso mesmo, pelo simples fato de existirem, propagam negativamente o modelo de felicidade prometido pelo capital que é fomentado pela irracionalidade

do consumo desenfreado. Todavia, ao invés de se pensar na figura dos loucos como representantes da contrapropaganda e da esterilidade social, podemos compreendê-los da forma como os compreendeu a Dra.³Nise da Silveira. A médica psiquiatra brasileira, com sensibilidade e conhecimento técnico, transformou o contingente de pessoas condenadas à improdutividade em um projeto de artistas que posteriormente seria denominado de Museu do Inconsciente. Criou a psiquiatria desenvolvida na Casa das Palmeiras no Rio de Janeiro. Nas palavras da Dra. Nise:

No jardim, havia um círculo de palmeiras, e alguém sugeriu um nome que achei lindo: Casa das Palmeiras. O primeiro doente que apareceu tinha 13 internações, e nunca mais precisou de nenhuma, sendo hoje monitor da instituição. De 1962 a 1978, a Casa das Palmeiras teve 125 frequentadores e 13 reinternações, ou seja, 10%. Se compararmos com os números antigos, podemos observar quanto progresso uma simples medida sensata produziu. A casa das Palmeiras foi criada em 1956, com as portas e janelas abertas para os loucos. E me diziam: “Você é louca, vai acontecer um desastre... desastres acontecem, o que se vai fazer? Mas a casa está aberta, liberdade não faz mal a ninguém”. Eu queria uma casa que não fosse como as instituições tradicionais, para que o doente não perca o contato com a família, a família não perca o contato com o seu doente e ele não seja violentamente desligado do mundo e da vida. (MELLO, 2014, p. 172)

Por meio das imagens propostas pelos pacientes da Casa das Palmeiras, vimos surgir acervos primorosos realizados por nomes como os de Emygdio de Barros, Raphael Domingues, Antonin Artaud, Carlos Per-tuis, Adelina Gomes, Fernando Diniz, Octávio Ignácio e Olívio Fidelis. Eles traduziam, na ocasião, a transposição da condição da loucura para a condição de artistas plásticos. A partir da crença de que seria possível transportar a realidade de inválidos para o status de artista, a Dra Nise

projetou-os para o mundo. Por meio de um olhar sensível, outros aspectos diferentes - até então - do que propunha a marginalidade da loucura, foram sendo revelados. A respeito dessa nova perspectiva traçada na percepção da existência humana, vimos surgir a figura do artista Arthur Bispo do Rosário.

2 Arthur Bispo do Rosário

Arthur Bispo do Rosário (1909-11/1989) serviu à Marinha do Brasil como marinheiro entre 1925 e 1932. Em 1938, foi encaminhado ao hospital Nacional dos Alienados na Praia Vermelha, na cidade do Rio de Janeiro, diagnosticado como esquizofrênico do tipo paranoide. No ano seguinte, 1939, Bispo é transferido para o hospital psiquiátrico Colônia Juliano Moreira, sendo colocado em pavilhões reservados aos pacientes “agressivos” e “agitados”. Entre os anos de 1940 e 1960, Bispo alterna momentos de internação e trabalhos em escritórios de advocacia, porteiro de hotel. Foi ainda, segurança pessoal do senador Gilberto Marinho e, no sótão do seu trabalho, produziu boa parte de suas obras. No ano de 1964, Bispo reingressa internado, até o ano de 1989, na colônia Juliano Moreira, onde morre de Arteriosclerose, infarto do miocárdio e broncopneumonia.

Seus estandartes e *assemblages* denotavam a intenção de carregar o mundo às costas, num sentido análogo àquele do mito grego¹. O artista dizia preparar-se para o juízo dos vivos e dos mortos, em que se apresentaria a Deus carregando consigo a humanidade. Destacamos duas obras do artista: “Manto da Apresentação¹²⁹” e “Eu preciso dessas palavras escritas.”. A suposta apresentação de Bispo no Juízo Final abriria uma clareira em sua vida terrestre. Arthur Bispo do Rosário perdeu sua identidade social após a visão dos céus, passando a habitar o lugar do nada, o lugar do não nomeado, o lugar da loucura. Tornou-se indigente tanto no prontuário do hospício quanto perante a sociedade. O indigente foi o escolhido pelos céus para cumprir a árdua missão anunciada pelos anjos – catalogar o mundo para entregá-lo a Deus no dia do Juízo Final. Foi o momento da tomada de consciência de sua tarefa na terra, um programa para sua vida, que seria vivido e executado intensamente a partir da resposta afirmativa

ao chamado, à missão e à Arte. Não voltaria mais a ser como antes; loucura ou Arte, loucura e Arte, seu destino estava traçado. “A apresentação”, que ocorreria na passagem de um mundo determinado pelo tempo para um outro em que o tempo estaria ausente, tinha nessa perspectiva dialética a sua base; afinal, enquanto há um tempo para preparar-se, esse seria determinado pelo movimento, pela mudança dos dias em que se vislumbraria a superação inscrita naquele que seria tido como o tempo escatológico. A marca dessa passagem, ainda que aguardada ansiosamente, seria registrada mais precisamente o dia 05 de julho de 1989.

De uma forma ou de outra, o dia 22 de dezembro de 1938 traçou o

caminho a ser percorrido por Arthur Bispo do Rosário até o dia de sua passagem, dia esperado com ansiedade, pois seria o grande momento do Juízo Particular, que acreditava ser o Juízo Final, já que era o filho de Deus, seria o dia de seu encontro com o Pai para a entrega do inventário do mundo a seu dono, no qual se apresentaria paramentado com a vestimenta preparada por trinta anos especialmente para a ocasião, o revelador Manto da Apresentação. Sua vida tornara-se naquele momento uma grande e única experiência intensa e ininterrupta que consumiria seus dias com muito trabalho e um só objetivo – representar o mundo em miniaturas, ou seja, fazer Arte com a linguagem da loucura. Para o Bispo do Rosário o tempo não se contava, não se datava, mas se guardava como quem passa por um caminho e registra os traços, as coisas das quais ele é composto, retira algumas, outras deixa para trás. Essa é uma metáfora que procura traduzir a produção do Bispo no sentido mais adequado. (FIGUEIREDO, 2010. p.47.)

A produção de Arthur Bispo do Rosário é constituída por 802 obras nunca nomeadas nem datadas pelo artista, com exceção do Manto da Apresentação, o que pode ser entendido como um forte indício para a leitura do conjunto de seus 85 trabalhos como uma obra única, entendidos como 802 partes ou fragmentos de um todo, componentes de uma única série que seria exposta no dia da consumação de sua missão, o “dia da passagem”. Praticamente uma vida, foi o tempo utilizado para que essa experiência íntegra e duradoura de Arte fosse vivenciada. Tudo que Bispo do Rosário fez, sofreu, percebeu, aprendeu e ensinou nesse entremeio pertenceu ao fluxo do movimento de sua vivência artística. Um fio começou a ser desenrolado no dia 22 de dezembro de

1938, a outra ponta do carretel revelou-se a 05 de julho de 1989. Um fio de cor azul. O azul celestial da sua visão, da internação, da sua segunda pele, enfim, da sua história. Foram somente dois instantes vividos por Arthur Bispo do Rosário, não o indigente excluído da sociedade mas o enviado de Deus; o instante da visão dos anjos no momento do recebimento de sua missão, e o momento da passagem que encerrou o primeiro. (FIGUEIREDO, 2010. p.41.)

Considerações finais

Por fim, à pretensão de investigação, em que pesem as questões relativas às contribuições de Martin Heidegger, da psicanálise de Sigmund Freud, da psicologia e da história, uma vez que as imagens extrapolariam a esfera teórica, podemos verificar que a dimensão sógnica circunscreve um lugar na reflexão filosófica ao se colocar como possibilidade de expressão estética com vistas a resgatar aspectos negligenciados pelo Estado e que a filosofia não pode desconsiderar sob pena de limitar sua atitude reflexiva. O problema das psicoses carece, de certo modo, de uma contribuição filosófica mais radical, e cremos ser a dimensão sógnica das imagens uma possibilidade de se estabelecer essa reflexão. A tarefa do dizer sobre as psicoses e as expressões da loucura pode encontrar na filosofia um agente interlocutor, de tal modo que não sejam somente as áreas médica, jurídica, sociológica ou da psicologia, aquelas que seriam porta-vozes desses sujeitos, na maior parte das vezes, relegados ao esquecimento. Esse pode ser o princípio pelo qual a reflexão proveniente da filosofia teria muito a contribuir e, acreditamos ser a investigação estética, uma possibilidade desse desvelamento em que a reconstrução da

dignidade dos sujeitos torna-se essencial nessa tarefa. Assim, o presente artigo cumpre seu propósito; isto é, o de suscitar a reflexão filosófica a partir e para além das contribuições provenientes de diversas áreas do conhecimento, pois o que se coloca em questão é o humano inerente à dimensão sýgnica investigada.

Referências Bibliográficas

DILNOT, C. O texto decisivo: para iniciar a leitura de “Construir, Habitar, Pensar”. In: Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo, 2009.

FIGUEIREDO, Alda de Moura Macedo. Manto da Apresentação: Arthur Bispo do Rosário em Diálogo com Deus. In: Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Ciência da Arte – Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense. 2010.

HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: HEIDEGGER, M. Ensaios e conferências. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. O que quer dizer pensar? In: HEIDEGGER, M. Ensaios e Conferências. Petrópolis: Vozes, 2001

HUXLEY, Aldous. Admirável mundo novo. São Paulo-SP: Editora Globo S.A, 2011

JESUS, M. e RIBEIRO, G. Considerações sobre o habitar cotidiano no pensamento de Martin Heidegger. In: Existência e Arte, São João Del Rei-MG, UFSJ, 2007.

MELLO, Luiz Carlos. Nise da Silveira, caminhos de uma psiquiatria rebelde, 2ª edição, Rio de Janeiro-RJ: Editora Holos Consultores Associados, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. Assim falou Zaratustra, um livro para todos e para ninguém, tradução de Mário da Silva, 18ª edição, Rio de Janeiro-RJ: Editora Civilização Brasileira, 2010.

POULAIN, Jacques. L'autisme néolibéral ou l'esprit capitaliste avance. In: Conferências Universidade de Porto, Portugal, 2017.

RIGONI, Maisa dos Santos et al, HTP (House, Tree, Person) – Casa, Árvore, Pessoa. 2017. 66 slides. Disponível em: < <https://slideplayer.com.br/slide/13441247/>>